

DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

O SECULO

DE SANTA
RITA

A velha ferrum fum-fum

POR

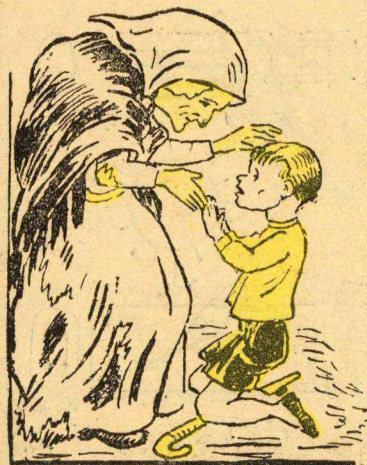
AUGUSTO DE SANTA-RITA

Desenhos de A. CASTAÑÉ



ERA uma vez uma velha
chamada
Ferrum-fum-fum.
Andava sòzinha,
não tinha
— coitada! —
parente nenhum.

Quando caminhava
a velha tão relha,



a Ferrum-fum-fum,
sempre resmungava;
lembrava
uma abelha
zumbindo: — zum-zum!

Porque era corcunda,
repelente e imunda,
tôda a garotada
da mais pequerrucha
té à mais crescida,
chamava-lhe bruxa.

E ao vê-la, sòzinha,
tratando da vida,
sempre atarefada,
— coitada! —
por vezes chegavam
até
a sová-la
com uma bengala.
Pedras lhe atiravam...

E um dia um garoto,
maroto,
bem mau,
deu-lhe
um pontapé

e, inda insatisfeito,
bateu-lhe, bateu-lhe
nas costas, no peito,
a torto e a eito,
com um grande pau.

Então,
a vèlhinha,
caíndo no chão,
ficou tal e qual
de corpo e feição
como era a Avòzinha
daquele maroto
garoto,
de mau coração.

Cheio de remorsos,
após mil esforços,
do chão levantou-a;
e em frente da velha
logo se ajoelha
pedindo perdão:

— «Perdôa, Avôzinha, perdôa?...»

Muito comovida,
a pobre vèlhinha
que nenhum affecto
nem carinho tinha
na Vida,

murmura baixinho:

— «Perdôo, perdôo, meu neto!»

Entanto,

num canto,

os outros rapazes

que, cheios de espanto,
assistem à cêna,
com pena
da pobre vèlhinha,
fizeram as pazes
com ela.

Hoje, ao vê-la
passar sempre só,
com pena com dó
do seu sofrimento,
dão-lhe o tratamento
de Avó.



Hora de Recreio

Número 18
2.º CAMPIONATO

Secção Charadística

12 AGOSTO
1 9 3 7

DECIFRAÇÕES DO N.º 12

1 — Avelino; 2 — Laracha; 3 — Doente; 4 — Acuta-ata; 5 — Cachopa-capa; 6 — Marmita-Marta; 7 — Póvoa de Lanhoso; 8 — Zézere; 9 — Quem com ferro mata com ferro morre.

DECIFRADORES

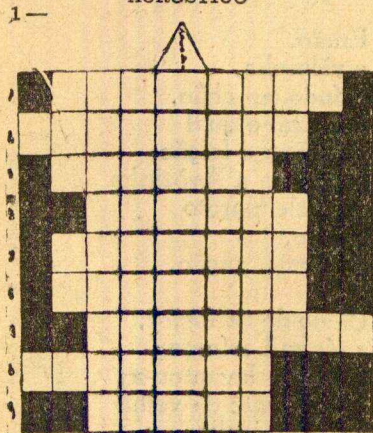
QUADRO DE HONRA

Adriano Reis, Maridália, Piruças,
Sob-Chávena e Tomigas

(Totalistas)

Alfredo Matos, António Freire e Zé Fernando, 7; Renato R. Paulo e Rex, 6; Jorge Pereira, 5; Manecas & Tonecas, 4; Zé, 3.

ACRÓSTICO



Paula e Matos

1, 2, 3 — Três peixes
4, 5, 6 — Três frutas
7, 8, 9 — Três aves

Conceito (na coluna central): *Jornal infantil.*

CHARADA EM VERSO

2 — *Perto está de decifrar — 2.
E com jeito dá com ela — 2.
A questão é procurar
Em Domingo de Pascoela.*

Sob-Chávena

NOVISSIMAS

3 — *Caso curioso: a mim só me dão coisas com o aspecto de choco. — 1-2.*

Pacatinha

4 — *Toma «nota» que não estou para gritar a pesar de ter direito de exigir melhor serviço. — 1-2.*

Renato R. Paulo

5 — *Este «utensilio» ergue-se no espaço, como se fôsse uma «ave» — 1-2.*

povoá

Rex

(A «Maridália»)

6 — *Uma boneca de trapos, oferece um confrade cheio de trejeitos. — 2-1.*

São João

7 — *O que foi sempre repentino mudará depressa. — 1-3.*

Tom Mix

SINCOPADAS

8 — *Estás alegre, mesmo muito alegre! — 3-2.*

Pirolito

9 — *Aumento o meu saber, decifrando as charadas do «Século». — 3-2.*

Piruças

10 — *Extraí duma «árvore» um líquido como leite aquoso e claro. — 3-2.*

Recem

11 — *Foi naquela carruagem que a tua «parente» foi raptada. — 3-2.*

Rucas

DUPLA

12 — *O gorgoejo das aves ouve-se naquela esquina. — 2.*

Rás Parda

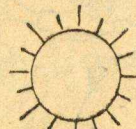
MAÇADA GEOGRÁFICA

13 — *VIRO A VELHA DE LADO*

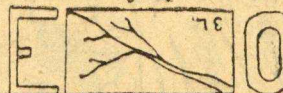
Rabêta

ENIGMA PITORESCO

14 —



3 L



Tomigas

Non tudo que lê e

NO COLÉGIO

■ POR NECO ■

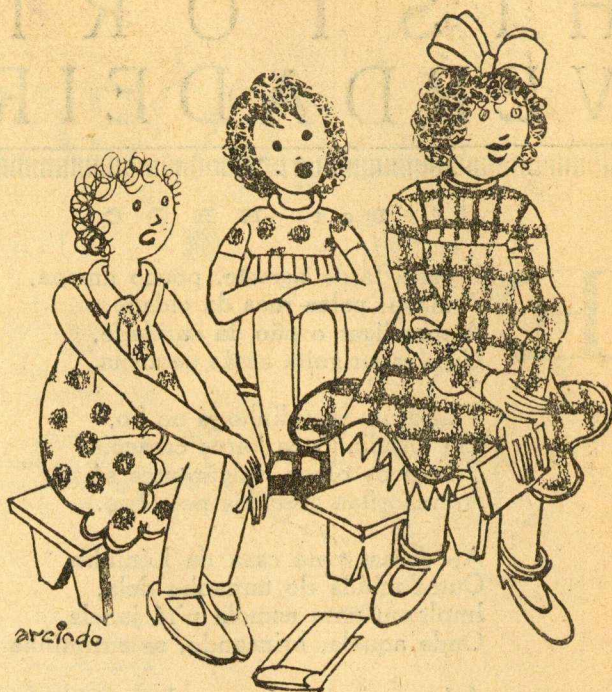
Desenhos de ARCINDO

Mal tocou a sineta, de repente,
De reboiço logo houve sinais.
A petizada salta alegremente,
Parece uma bandada de pardais.

Conversa, canta, ri sem descançar,
Dansa na corda, e faz muitas rôdinhas;
São meninas e tôdas criancinhas
Que nunca conheceram um pesar.

Nenhuma deu publicamente provas,
Nenhuma fez o seu primeiro exame;
São tôdas pequeninas, tôdas novas,
Juntas, lembram de abelhas um enxame.

Mas dura pouco tempo a gritaria,
Um novo toque faz acabar tudo.
Cessa o barulho, pára a correria,
E marcham, cabisbaixas, para o estudo.



arcindo

Entram na sala, graves, tôdas juntas,
E tomam seus lugares. Em seguida,
A professora faz certas perguntas,
Que deixam uma ou outra estarecida.

Quando chegou à Lena, uma miúda,
Que tem sete anos, poucos meses mais,
—«Porque, (lhe perguntou, assaz sisúda) —
Devemos nós amar os nossos pais?»

Ergueu-se, então, a pequenina fada,
E, sem ter hesitado um só momento,
Respondeu altaneira, empertigada,
Com o maior desplante e atrevimento:

— «Porque nos dão vestidos e, também,
Nos dão calçado e dão-nos de comer;
Porque nos querem mais do que ninguém,
Porque se afligem vendo-nos sofrer;

E porque, além dos seus ternos cuidados,
Nos dão dinheiro p'ra comprar bolachia,
Bom chocolate, fruta, rebuçados,
Pasteis, bonecas, bolas de borracha.»

Ao terminar, foi, com desenvoltura,
Sentar-se de cabeça levantada.
Perdeu a professora a compostura,
E soltou estridente gargalhada.

■ F I L M ■

VER NO PRÓXIMO NÚMERO:

Concurso: — GRANDES DE PORTUGAL

que, por absoluta falta de espaço, fomos forçados a interromper

HISTÓRIA VERDADEIRA

Por N E C O

EM certa tarde agreste, pouco amena,
Andava, pelas ruas da cidade,
A mendigar o pão da caridade,
Uma rapariguita assás pequena.

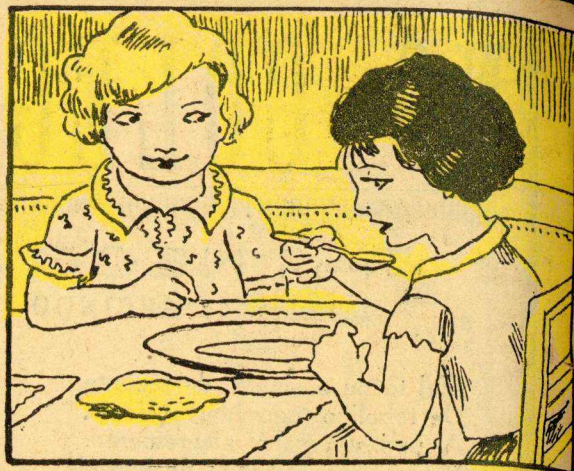
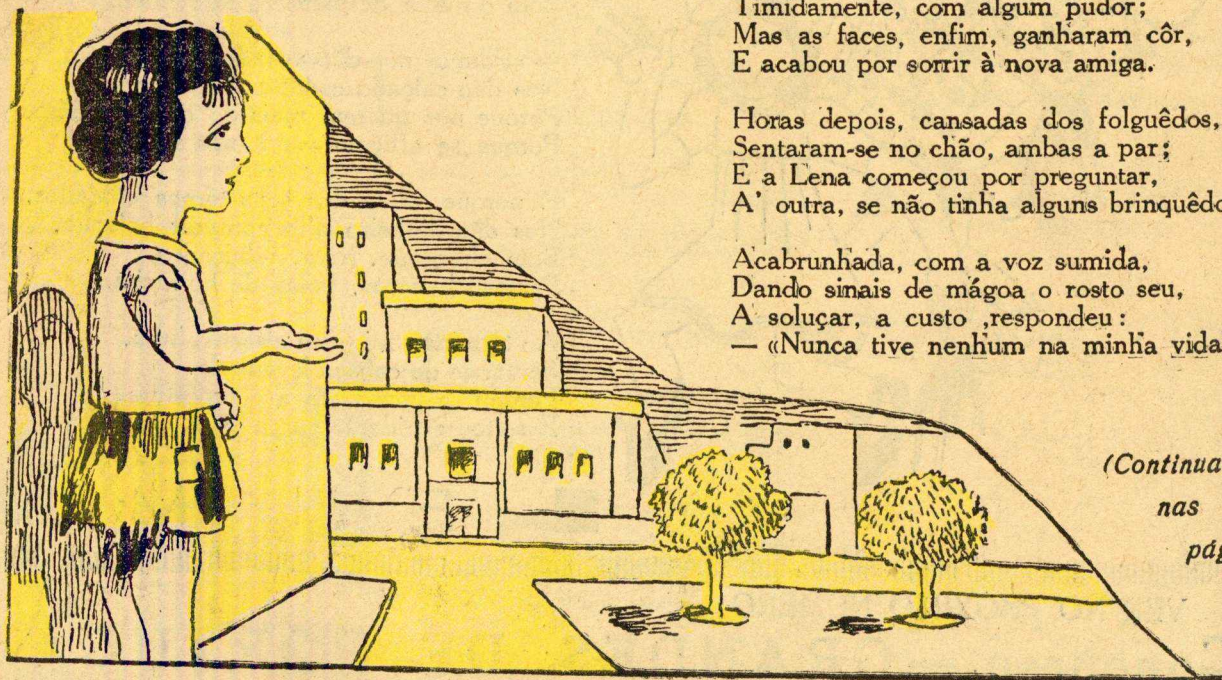
Trazia um vestidinho já no fio,
Em desalinho os loiros caracóis,
Tristes os olhos, fulgurantes sóis,
As mãositas gretadas pelo frio.

Ao passar pela casa da Léninha,
Outra miúda do tamanho dela,
Implorou uma esmola p'rá janela,
Onde aquela, brincando, se entretinha.

A Lena, mal a viu, mandou-a entrar,
E foi abrir-lhe a porta, sorridente;
Fê-la subir, mostrando-se contente
Por arranjar, assim, com quem brincar.

Levou-a pela mão para uma sala,
Ufana com a nova companheira;
E mandou-a sentar numa cadeira,
Depois de dar-lhe abraços e beijá-la.

Obedeceu, bastante embaraçada,
Trémula, perturbada, comovida,
Aquele probresita que, na vida,
Pela sorte não fôra bafejada.



-- «Espera, (disse a Lena) um só momento,
Que vou buscar algumas coisas minhas,
Para aqui nós brincarmos às casinhas,
Abrigadas das chuvas e do vento.».

Ouvindo aquelas palavrinhas d'oiro,
A feliz mãe beijou o seu enlêvo;
E murmurou: — «Meu Deus, quanto te devo!...»
Depois, falou assim ao seu tesoiro:

— «Vai, minha filha, mas é teu dever,
Tendo no coração tanta ternura,
Mostrares da tua alma a formosura,
Dando-lhe, antes de tudo, de comer.».

Assim fez. E afagando-a com extremos,
Disse-lhe: — «Amor, eu vejo que tens fome,
Pega lá. Não te acanhes, vamos, come,
E depois, a seguir, brincar iremos.».

Comeu, com apetite, a rapariga,
Timidamente, com algum pudor;
Mas as faces, enfim, ganharam côr,
E acabou por sorrir à nova amiga.

Horas depois, cansadas dos folguêdos,
Sentaram-se no chão, ambas a par;
E a Lena começou por perguntar,
A' outra, se não tinha alguns brinquêdos.

Acabrunhada, com a voz sumida,
Dando sinais de mágoa o rosto seu,
A soluçar, a custo, respondeu:
— «Nunca tive nenhum na minha vida!»

(Continua

nas

págs. 6 e 8)

OS DITOS DO «SEISCENTOS-DIABOS»

Por AUGUSTO de SANTA-RITA

«SEISCENTOS diabos» é um dos maiores piadistas do mundo. Os seus ditos de espírito merecem ser arquivados. Ao contrário dele, o priminho Acácio é o maior colaborador que o Céu cobre. «Seiscentos diabos», como possuía uma viva imaginação, facilmente descobria entretenimentos e brincadeiras com que passasse o seu tempo, cultivando, assim, sem contar por isso, a própria imaginação e o seu próprio espírito. Ao contrário do priminho Acácio, que era um mono, constantemente inventava jogos, improvisava distrações, em suma: estava sempre entretido. Um dia, armado, de pé para a mão, em arquitecto, munido de papel e lápis, esquadro e régua, num recanto da casa onde vivia, sôbre uma pequena secretária, desenhou o aspecto exterior dum palacete que, na manhã seguinte, num recanto

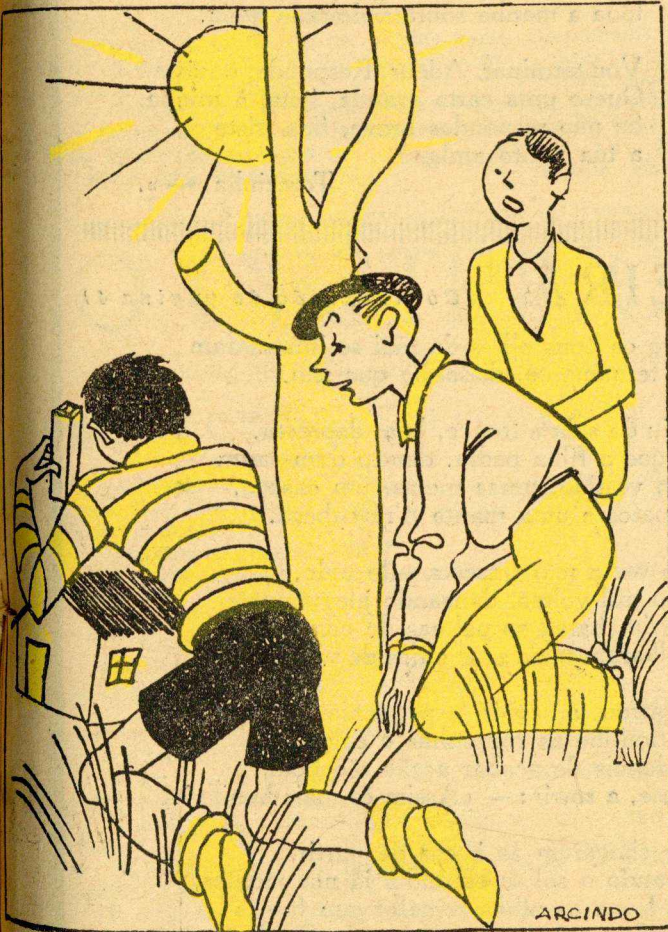
da quinta de seus papás, edificava em pedra e cal, com todo o desembaraço e enquanto o diabo esfrega um olho, apenas auxiliado pelo filho do caseiro e pelo priminho Acácio, que era sempre um trôlha. Outras vezes, construía teatrinhos de madeira e cartão, aproveitando as estampas coloridas de velhas ilustrações, para cenários de fundo e figurantes de cena.

* * *

Um dia, tendo acabado de construir sôzinho uma máquina fotográfica que tinha tôda a aparência duma autêntica «Kodak», apareceu-lhe o priminho Acácio que, de bôca aberta e olhos de carneiro mal morto, lhe perguntou se a máquina era a valer. «Seiscentos diabos» respondeu-lhe, imediatamente, que tanto era a valer que até tirava fotografias a sério. Então, Acácio-

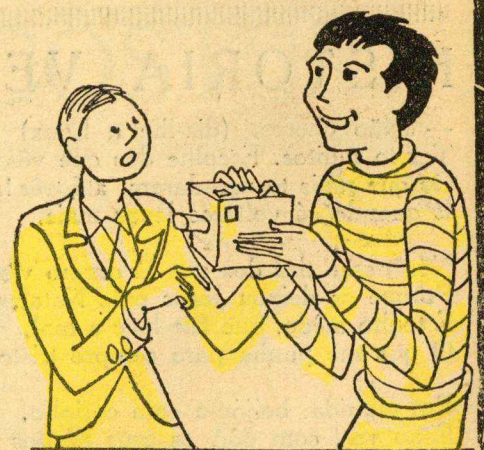


— Em «pose». — Respondeu o Acáciozinho, já farto de perguntas.
 — Então, põe-te com pose diante da máquina... Assim... (e «Seiscentos diabos» tomava uma atitude pedante, para que êle o imitasse, a-fim-de poder disfrutá-lo depois). Agora, olha para aqui... (e «Seiscentos diabos» indicava um ponto vago no espaço, na direcção do Céu), mas só para aqui, nem mais um palmo além. Percebeste?
 — Percebi. — rematou Acáciozinho, soltando um suspiro, já farto de tantas ob-



ARCINDO

zinho pediu-lhe que provasse o que dizia, tirando-lhe o retrato.
 — Queres de corpo inteiro ou meio corpo? — perguntou, orgulhosamente, o «Seiscentos diabos».
 — De meio corpo. — Respondeu, com tôda a ingenuidade, Acáciozinho.
 — Da cintura para cima ou da cintura para baixo?
 — Da cintura para cima. — Balbuciu, muito grave, o mariquinhas.
 — De frente ou a três quartos? — tornou, com ar impertinente, o endiabrado garoto.
 — A três quartos. — Tornou o patetinha do Acácio, sem se aperceber do tom trocista das perguntas.
 — Em «pose» ou instantâneo como os pudins que se vendem nas mercearias?

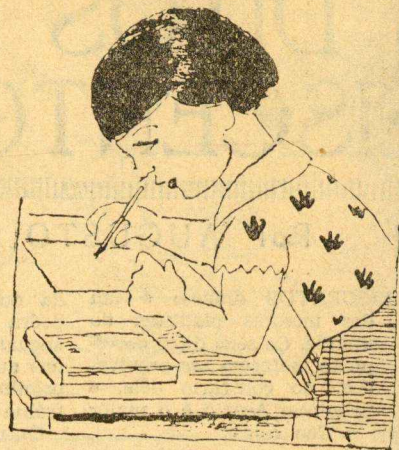


jeccões e de estar na mesma posição contrafeita.
 — Então, que estás a ver?
 — O Céu. — respondeu o paciente «paz podre».
 — Mas eu disse que fixasses, apenas, êste ponto que eu indiquei, aqui, no ar.
 — Só êsse ponto, não sou capaz.
 — Porquê?

(Continua na pág. 7)

Carta do Estoril

Por GRACIETTE BRANCO



CHEGUEI hoje ao Estoril.
Não há calor! Parece o mês de Abril,
com rosas a nascer, num gesto
lento...

Amanhã vou à praia. O meu banheiro,
— êsse belo velhote prazenteiro,
de cara luzidia e anafada, —
leva, pelo mar fóra, de mão dada,
o meu corpito breve e friorento...

O meu *maillot* é verde natural,
uma âncora preta no quadril.
Oh! Que bom é nadar pelo Estoril
sob êste céu azul de Portugal!

Oh! Que bom é banhar, na água salgada,
— água frêscia do mar, límpida, boa, —
a minha pele, há muito habituada,
às poeiras ardentes de Lisboa!

Arrancar mexilhão da rocha dura!
Remar no barco, lépido, ligeiro!
Aprender a nadar, mas bem segura
pela mão cuidadosa do banheiro!

A vida que aqui faço é tão feliz!
Higiênica, simples e arejada!
Matinéés no Casino, o Tamariz,
e o sol beijando a minha pele iodada!

Vou brincar com o Guilas, num Quartel
onde já estão a Guida, a Gabriela...
Fazem-me muita falta o Zé Manuel,
o Luiz e a Maria Manuela!...

Agora, a minha Mãe vai-me comprar
uma boia, que a outra é velha e feia,
o baldezinho e a pá, para brincar
tôda a manhã sôbre a doirada areia.

Vou terminar. Adeus. Responde, ouviste?
Quero uma carta grande, igual à minha.
Se não respondes breve, fica triste
a tua muito amiga

Terezinha. — ».

HISTÓRIA VERDADEIRA (Continuação da página 4)

— «Não chores, (diz-lhe a Lena) não dêes ais. Que os bons olhos da mãe se iluminaram
Tenho muitos. Escolhe dos que vês; E, ternamente, disse-lhe que sim.
Os que mais te agradarem, até três!...
E quando cá voltares levás mais.

Não posso dar dos que lá dentro viste,
Porque os deixou Jesus pelo Natal,
E tenho medo, que Ele leve a mal,
O que me punha para sempre triste.

Em seguida, beijou-a com carinho,
E ao ver, com dôr, os seus péritos nus,
Pensou: — «Se nada lhe deixou Jesus,
Foi só por não ter posto o sapatinho.»

Com ar determinado, decidido,
Correu p'rá mãe, caíu-lhe no regaço,
E segredou-lhe coisas ao ouvido,
Cingindo-a a si, num apertado abraço.

Seus delicados lábios de carmim,
Tão formosas palavras ciciaram,

Saiu da sala e trouxe, bem depressa,
O que a filha pediu, dentro dum saco:
Um vestido, umas meias, um casaco,
Sapatos e uma manta p'rá cabeça.

Ao ver a mãe trazer aquilo tudo,
Deu mil voltas, dansando alegremente,
Sorriu, bateu as palmas de contente,
Brilharam mais seus olhos de veludo.

Agarrou, a seguir, a pequenita,
Enfiou-lhe as roupinhas e calçou-a;
E depois de acabar acção tão boa,
Disse, a sorrir: — «Assim és mais bonita!»

Ao chegarem as horas de partir,
Quando o sol se escondia já nos montes,
Da Lena os olhos semelhavam fontes
Donde tombassem pérolas de Ophir.

Os ditos do "Seiscentos-Diabos"

(Continuado da página 5)

— Não sei! — voltou o Acácio, com toda a sua simplicidade lorpa.

— Então, não podes tirar o retrato. Vaidete embora. — exclamou, fingindo-se irritado, o «Seiscentos diabos».

— Oh! que pena! — tornou a murmurar o Acáciozinho, sem perceber e sem aguardar, sequer, a explicação de tão singular resposta.

Certo dia, «Seiscentos diabos» perguntou ao Acáciozinho se nunca tinha tomado gêlo quente.

— Eu nunca, nunca tomei. — respondeu o ingénuo Acácio, deveras admirado da pergunta.

— Pois então experimenta que é ótimo — retorquiu «Seiscentos diabos», dando-lhe uma pedra de gêlo e uma cafeteira. — Vai pó-la ao lume.

* * *

De uma outra vez, «Seiscentos diabos» pediu ao primo que resolvesse o seguinte problema que éle próprio imaginara:

— Imagina que tens na tua frente dez moedas de dez escudos. Imagina, também, que o teu pai te dá mais dez escudos e que a tua mãe te dá mais cinco escudos. Com quantos escudos ficas?

— Repete. — foi a primeira palavra que o adormecido Acácio balbuciou em face do enunciado problema.

«Seiscentos diabos» repetiu.

Acáciozinho pôs-se, então, a contar:

— Dez moedas de dez escudos, são cem escudos; mais uma que o meu pai me dá: cento e dez. E mais cinco escudos de minha mãe... Fico com cento e quinze escudos! — voltou, com ar triunfante, o priminho Acácio.

— Enganas-te, — retorquiu, velhacamente, o «Seiscentos-Diabos» — Eu disse que imaginasses tudo isso. Portanto, não tens nada, porque é tudo imaginação.

* * *

«Seiscentos-Diabos» tinha o hábito quando se zangava com o pobre Acácio, de lhe chamar estafermo. Uma vez, porém, foi justamente castigado pelos pais por tão feio costume e terminantemente proibido de tornar a dizer tal palavra.

Certo dia, estava a construir um barquinho à vela, auxiliado apenas pelo primo, que pouco ou nada fazia de acertado; vendo-o afastar-se, depois de

ter colocado o mastro ao contrário do que deveria ser, exclamou com grande indignação:

— O'... — (mas lembrando-se do castigo que tinha sofrido) — O' «aquela coisa» que eu estou proibido de dizer, anda cá ver a linda obra que fizeste!



O CESTINHO da COSTURA

SECCAO PARA MENINAS POR ABELHA-MESTRA

— «Cada litro a meio tostão!... Quem quer leite, quem quer leite das minhas lindas vaquinhas, tão branquinhas como a neve?»

Tragam as vossas tijelas!
Venham depressa buscá-lo, porque éle é bem saboroso!

Cada litro a meio tostão!
— Assim ia apregoando este improvisado leiteiro, satisfeitíssimo com o seu novo mister, quando foi surpreendido pela «Kodak» da Abelha-Mestra!

Trago-lhes, portanto, hoje, mais este engraçado personagem para a galeria dos muitos que têm servido de motivo a inúmeros trabalhos.

É um grande figurão que, por certo, não vai correr o perigo de fazer má figura!

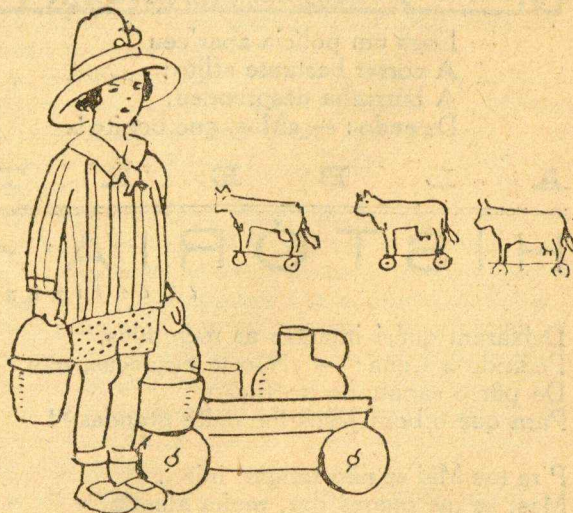
Vamos, pois, a trabalhá-lo, seguindo a vossa fantasia; isto é, com as côres e pontos que mais lhes agradar.

No entanto, digo-vos que é o ponto pé de flôr o mais indicado para este bordado.

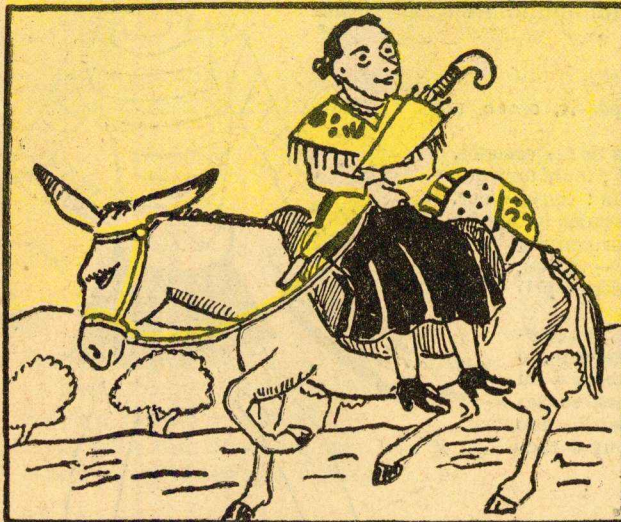
E esperando que todas fiquem satisfeitas com o «Cestinho da Costura», abraço-as com muita amizade.

Vossa

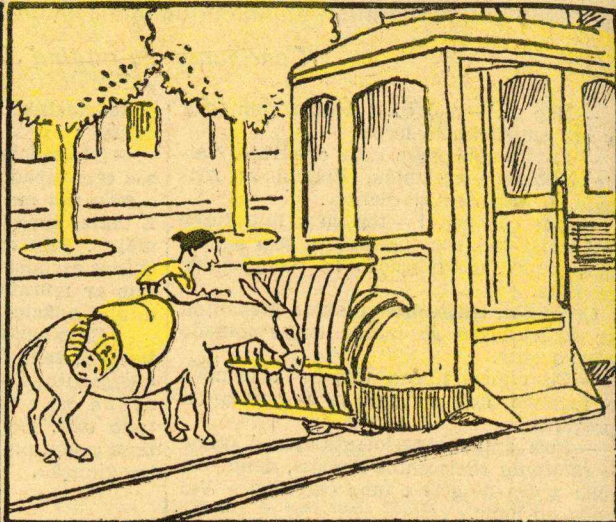
Abelha-Mestra



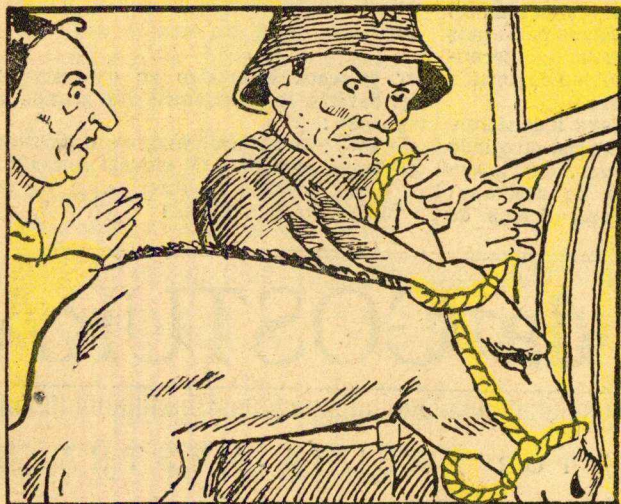
COMPARAÇÃO ACERTADA



Tia Felícia do Vale,
Lá do Casal da Piturra,
Foi um dia à Capital
Sôbre a sua linda burra.



E então, assim que chegou,
—Meus meninos, caso tétrico!—
Tia Felícia amarrou
Sua burra a um «eléctrico»!



Logo um polícia apar'ceu
A correr bastante aflito;
A burrinha desprendeu,
Dizendo: — «Mas, que bonito!»



Procurou Tia Felícia,
E diz-lhe com voz casmurra:
—«Eh, Senhora! Você é
Mais burra que a sua burra!»

A L B E R T O N E V E S

HISTÓRIA VERDADEIRA

(Continuação da página 6)

Deixaram quasi intactas as merendas,
Pedindo a Lena: — «Não te esqueças, não,
De pôr o sapatinho no fogão,
Para que o bom Jesus lhe deite prendas?!»

P'ra tua Mãe se não zangar, irás...
Mas, se me queres dar, muita alegria,
Não deixes de vir cá nem um só dia,
Vamos ser tão amigas como irmãs...»

Docemente abraçadas, comovidas
E com os corações a palpar,
Aqueles almas brancas, de luar,
Fizeram as penosas despedidas.

Se ver quereis o mundo mais feliz
Deixai desabrochar e dai alento
Aos nobres e sublimes pensamentos
Que se abrigam nas almas infantís.